



Um Guia Prático Sobre o Uso de Argila Silvestre

por Inara Vidal | 2025

Imagem da capa : Intervenção artística sobre mapa da
Playa Bonita, proposição de Eli Toppetti, com a
participação de todas as residentes da Casita Azul -
Edição Lago - Laboratório de Argilas Locais Verão de
2025 - Bariloche/AR

© Inara Vidal Passos, 2025. Todos os direitos reservados.

“Um guia prático sobre o uso de argila silvestre” é protegido por direitos autorais.

Nenhuma parte deste material pode ser reproduzida, distribuída, armazenada ou
transmitida, por qualquer meio ou forma, eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de arquivamento, sem a
autorização prévia e por escrito da autora.



ÍNDICE

Introdução.....	4
O que é Argila Silvestre?.....	7
Onde Coletar?.....	9
Testes e Análises.....	11
Método de Preparo.....	13
Receita.....	14
Aplicações Artísticas.....	17
Usos ambientais da Argila.....	23
Glossário.....	24
Referências	25
Sobre a autora.....	26
Créditos e Agradecimentos.....	27
Produção, apoio e realização.....	28

Introdução

Esta cartilha digital é resultado de uma pesquisa imersiva no campo da cerâmica artística, com ênfase no estudo e aplicação da argila silvestre. A investigação teve como ponto de partida uma residência artística na Casita Azul – Casa de Artistas, uma escola de cerâmica localizada em Bariloche, na Patagônia Argentina. Durante essa experiência, sob a orientação da professora, artista e pesquisadora Eliana Toppetti, foi possível explorar práticas locais ancestrais e conhecimentos técnicos especializados. Este caderno de pesquisa e criação compõe a contrapartida social do projeto "Territórios del Barro" contemplado no Edital Mobilidade 1 – 2024, da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

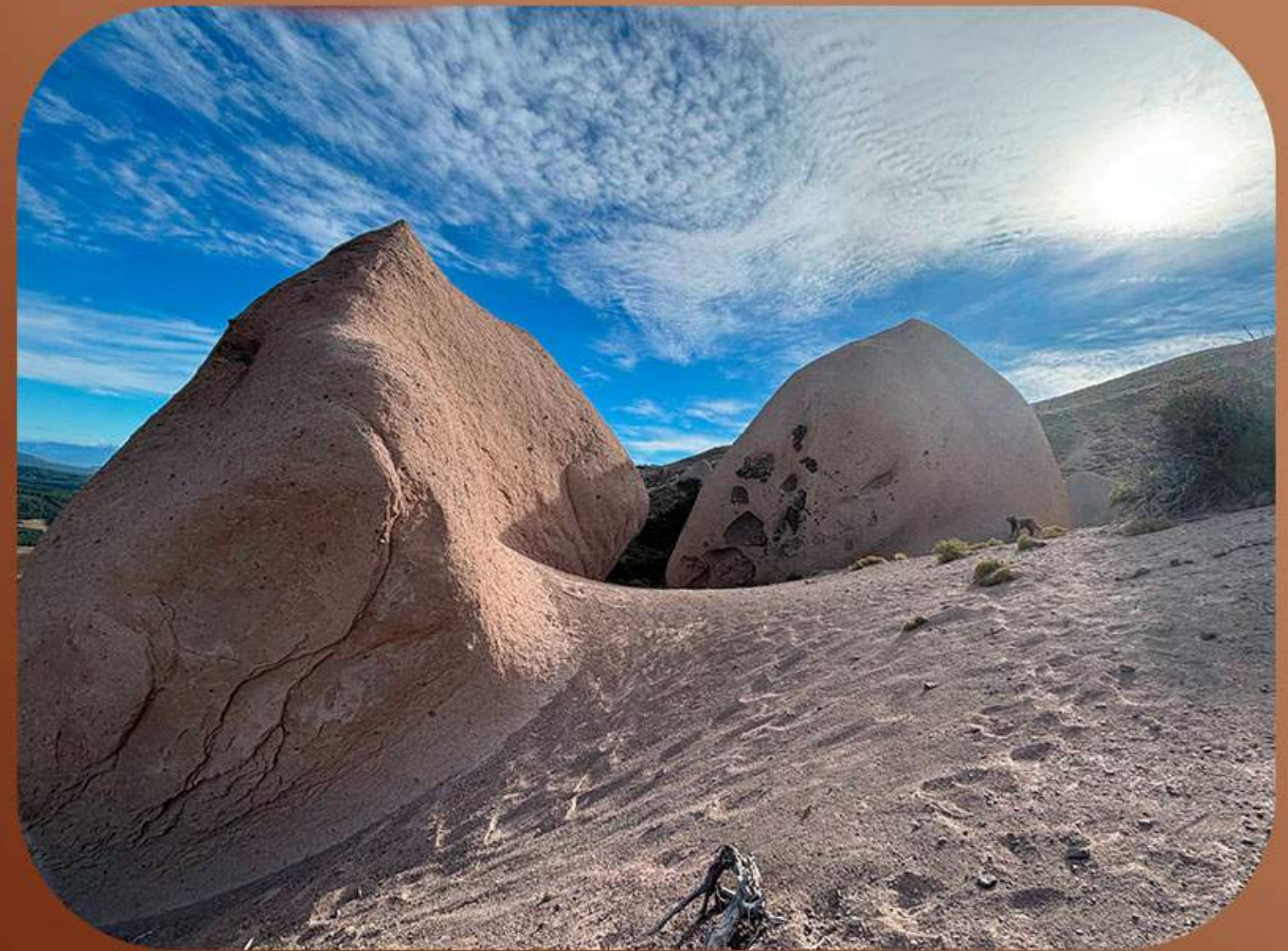
A Patagônia, com sua geodiversidade singular, abriga solos argilosos amplamente utilizados em processos artísticos e sustentáveis. A pesquisadora buscou aprender com esses saberes na intenção de adaptá-los ao contexto brasileiro, estabelecendo um intercâmbio cultural e técnico enriquecedor. Esse processo permitiu não apenas a experimentação prática com diferentes tipos de argila, mas também a reflexão sobre a relação entre a matéria "barro" e territórios, ampliando o olhar sobre as potencialidades deste material na arte contemporânea e na consciência ambiental.

TERRITORIOS DEL BARRO: Matéria, Lugar e Memória na Arte Contemporânea

No contexto da arte contemporânea, o projeto "Territorios del Barro" propõe uma reflexão sobre a relação do barro com os territórios que ele ocupa, tanto físicos quanto políticos, como um campo expandido de significados. O conceito de território se desdobra em múltiplas dimensões: o território físico da argila, extraída da terra e transformada pelo fogo; o campo sensível, que atravessa culturas e tradições; e o espaço político, onde o acesso e uso da matéria revelam relações de pertencimento e disputas ambientais.

A prática artística com argila silvestre - encontrada na natureza sem passar por processos industriais - também tensiona e interpenetra a dicotomia entre natureza, cultura e o próprio ato de criação, evidenciando sua plasticidade tanto no sentido físico quanto no conceitual. O barro contém as marcas da paisagem e da história, mas também do corpo que o manipula, instaurando uma dimensão sensorial e processual que desafia a permanência das formas. Ao trazer esse material para o debate artístico contemporâneo, "Territorios del Barro" reivindica a potência da transformação contínua, da transitoriedade das formas e da constante reinvenção da matéria em movimento.

Assim, a pesquisa não se limita à técnica cerâmica, mas propõe um deslocamento do olhar sobre o barro como lugar de resistência e imaginação. Afinal, moldar o barro é também moldar um pensamento, um modo de habitar o mundo e de inscrever narrativas que se conectam à terra, ao tempo e às mãos que trabalham.



La Buitrera - depósito sedimentar esculpido pela erosão ao longo de 97 milhões de anos. Seres de argila pura ou rocha-mãe emergem na paisagem, vestígios fósseis de um passado mineral em transformação.

O que é Argila Silvestre?



A argila silvestre é a argila tal como a encontramos na natureza, ou seja, sem passar por processos de industrialização. Trata-se de um material terroso e mineral, formado ao longo de milhares de anos pela decomposição de rochas feldspáticas. Rica em silicatos de alumínio e outros minerais, sua composição varia conforme o local de extração, resultando em diferentes texturas, plasticidades e cores — que podem ir do branco ao vermelho, passando por tons amarelados, marrons e até pretos, dependendo da presença de óxidos metálicos.

Amplamente utilizada em áreas como a construção civil, a cosmética, a medicina natural e, especialmente, nas práticas artísticas, essa matéria-prima milenar carrega uma forte conexão com a terra e os saberes locais. Nesta cartilha, vamos nos concentrar em seu uso no campo da arte, explorando suas potencialidades como suporte para a criação artística e valorizando seu vínculo com o território e a natureza.

Banco de argila no leito do Lago Moreno - Playa del Viento - AR



Talude próximo do Lago Moreno - Playa del Viento - AR - Sempre é interessante coletar amostras nas margens de lagos e rios mas também em seu entorno em vários pontos.

Características Principais da Argila Silvestre

- **Origem natural** – encontrada em margens de rios, encostas, taludes e leitos de terra expostos.
- **Plasticidade** – quando misturada com água, torna-se maleável e fácil de modelar.
- **Diversidade de cores** – varia conforme a composição mineral, podendo apresentar tons claros, avermelhados, amarelados, marrons e até negros.
- **Transformação pelo fogo** – ao ser queimada em altas temperaturas, endurece e se torna resistente, permitindo sua aplicação em cerâmica e construção.

Importância Histórica e Cultural

Desde os primórdios da humanidade, a argila foi mais do que um material: foi uma solução para uma necessidade vital. O ser humano primitivo, ao observar a terra úmida que endurecia sob o sol, descobriu na modelagem da argila uma forma de armazenar água e conservar alimentos. Assim, nasceram os primeiros recipientes cerâmicos, e com eles, uma revolução na sobrevivência e na organização social.

Mas a argila não serviu apenas para o uso de utilitários. Ela também moldou abrigos e cidades. Povos antigos aprenderam a erguer suas moradias com adobe e taipa de pilão, técnicas que atravessaram séculos e que hoje são resgatadas pela permacultura como alternativas sustentáveis à construção convencional. A argila, por ser um recurso abundante de extração de baixo impacto, permite construções com menor consumo de energia e emissão de poluentes, tornando-se essencial para arquiteturas ecológicas e modos de vida mais integrados à natureza.

Além das casas e utensílios, a argila também preservou histórias. Das tábuas cuneiformes da Mesopotâmia, que registraram os primeiros escritos, às máscaras cerimoniais e esculturas de culturas ancestrais, esse material sempre foi suporte para a expressão humana. Povos indígenas e comunidades tradicionais mantêm vivas até hoje essas práticas, transmitindo conhecimentos sobre a extração e o uso sustentável da argila.

Onde coletar?



Locais Naturais

- **Margens de Rios e Córregos** – Muitas argilas naturais são depositadas nessas áreas, mas é essencial verificar se a coleta não interfere na erosão ou na vida aquática.
- **Taludes e cortes naturais** – Algumas formações geológicas expõem camadas de argila, especialmente após chuvas. Atenção para evitar deslizamentos e impactos no solo.
- **Cavidades Naturais ou Depósitos de Sedimentos** – Algumas formações acumulam argila naturalmente ao longo do tempo.

Áreas Controladas e Concessões

- **Jazidas de Extração Sustentável** – Algumas áreas têm exploração regulamentada e permitem a compra ou coleta de pequenas quantidades.
- **Obras e Escavações** – Locais de construção podem expor camadas de argila. É necessário permissão dos responsáveis.

Métodos Alternativos

- **Sedimentação a partir de Água Fluvial** – Pode-se coletar partículas de argila suspensas na água e deixá-las decantar.
- **Recuperação de Argila de Resíduos Industriais ou de Oleiros** – Algumas cerâmicas e olarias descartam sobras que ainda podem ser utilizadas.

Além da coleta, garantir práticas sustentáveis como recolher pequenas quantidades, deixar áreas em regeneração, e não remover argila de locais protegidos é essencial.



Acesso em: <https://vimeo.com/manage/videos/1071755270>

Sustentabilidade e Ética

A argila silvestre é um recurso valioso para a arte e a experimentação material, mas sua extração exige consciência e responsabilidade. A coleta descontrolada pode causar impactos ambientais significativos, como erosão do solo, destruição de habitats e contaminação de cursos d'água. Por isso, é fundamental adotar práticas sustentáveis que garantam o equilíbrio entre criação artística e preservação ambiental.

Práticas Sustentáveis para a Coleta Responsável

1. Pesquise a origem da argila.

Antes de coletar, investigue a região. Evite áreas de preservação permanente (APPs), e locais de risco de erosão. Consulte órgãos ambientais para garantir que a extração não viole regulamentações.

2. Recolha pequenas quantidades.

Pegue apenas o necessário para seus experimentos ou produção. A extração em grande escala pode comprometer a regeneração natural do solo.

3. Deixe o mínimo de impacto possível.

Sempre que possível, tampe buracos e evite remover vegetação ao redor do local de coleta. Isso ajuda a minimizar a degradação da área.

4. Prefira argila de áreas de escavação ou descarte natural.

Locais como cortes de estrada, taludes expostos e áreas de construção frequentemente descartam argila que pode ser reutilizada sem necessidade de remoção adicional da natureza.

5. Respeite o ciclo da terra.

A argila é parte de um ecossistema vivo. Sua retirada deve ser feita de forma consciente, permitindo que a natureza se regenere.

Testes e Análises 🔍



Teste 1. A primeira dica ao coletar argila na beira de rios ou lagos é realizar o teste de plasticidade. Para isso, enrole uma pequena bolinha com o material e observe se ele é plástico ao manuseá-lo. Caso a argila esteja seca, será necessário umedecê-la antes de fazer teste.



Teste 2. Antes de levar a argila para casa, pegue uma pequena amostra e, se estiver úmida, deixe-a secar completamente. Em seguida, faça um teste pingando 2 ou 3 gotas de vinagre branco comum, sobre o material (um produto mais eficiente para detecção de carbonatos é o HCl - ácido clorídrico a 10%, mas o vinagre já é suficiente para o nosso propósito).



Se houver formação de bolhas, isso indica a presença de sais, o que torna a argila inadequada para modelagem, pois ela poderá rachar ou quebrar no forno.



No entanto, se você se interessa pelos efeitos dos carbonatos, essa argila pode ser utilizada na preparação de um esmalte.

*é importante testar a presença de carbonatos na argila coletada.



Teste 3. Uma pequena porção de argila silvestre foi coletada e colocada para secar sobre uma placa de gesso. Em seguida, uma parte foi calcinada no forno. Esse processo permite observar a cor que a argila adquire após a queima e entender melhor seu comportamento em altas temperaturas.

Método de Preparo:



Passo 1: limpar a argila retirando as impurezas como: raízes, restos de matéria orgânica e pedras.



Passo 2: misturar a argila na água e peneirar em seguida obtendo uma consistência cremosa.



Passo 3: retirar o excesso de líquido da argila colocando sob uma placa de gesso.



Passo 4: Assim que o excesso de umidade for absorvido pela placa de gesso pode recolher sua argila silvestre.

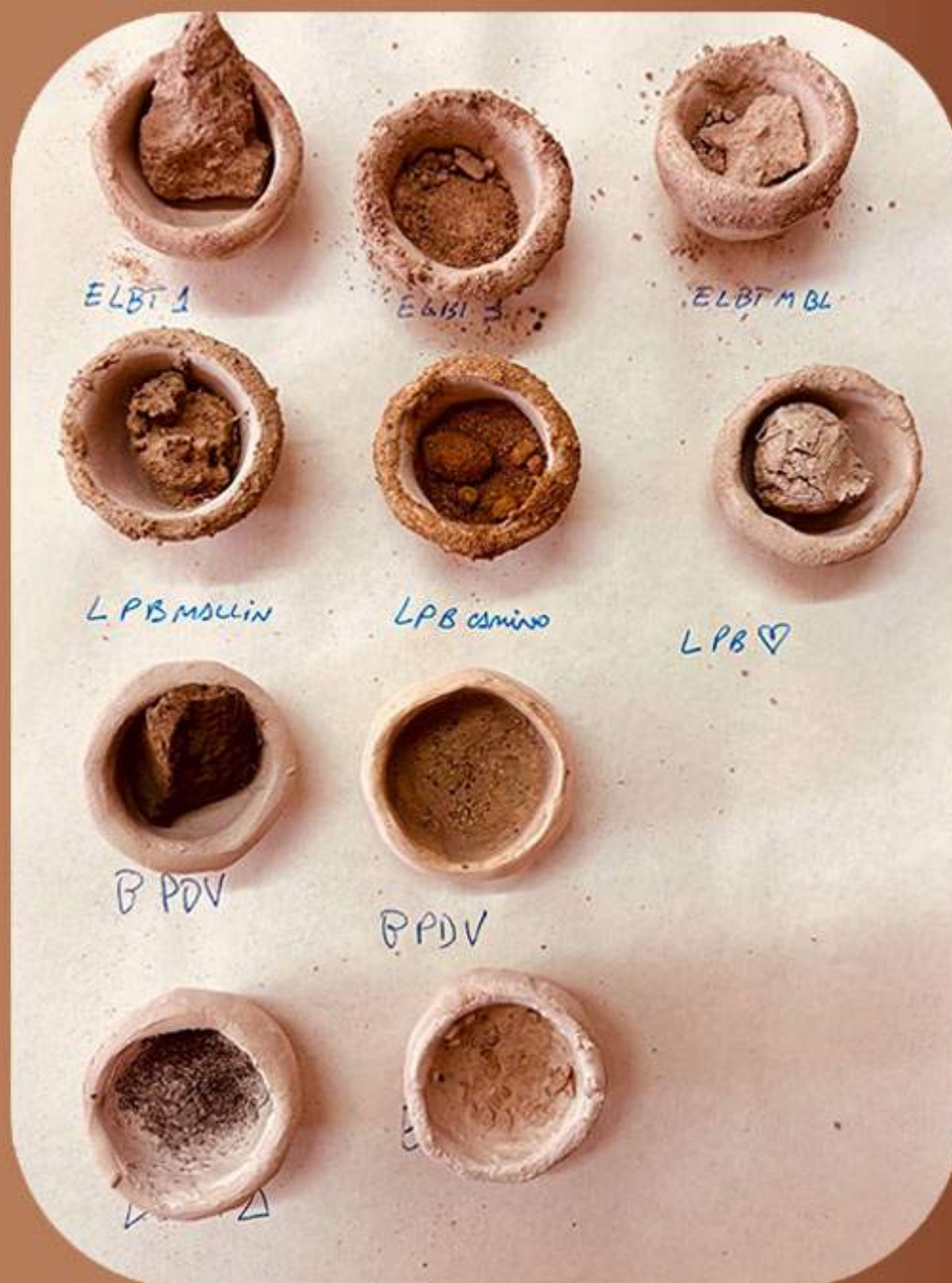


Passo 5: misturar bem a argila silvestre com a argila plástica que você já tem em casa, adicionar talco e chamote nas devidas proporções de acordo com a receita.

Receita

50% de argila plástica
30% de argila silvestre
10% talco
10% chamote

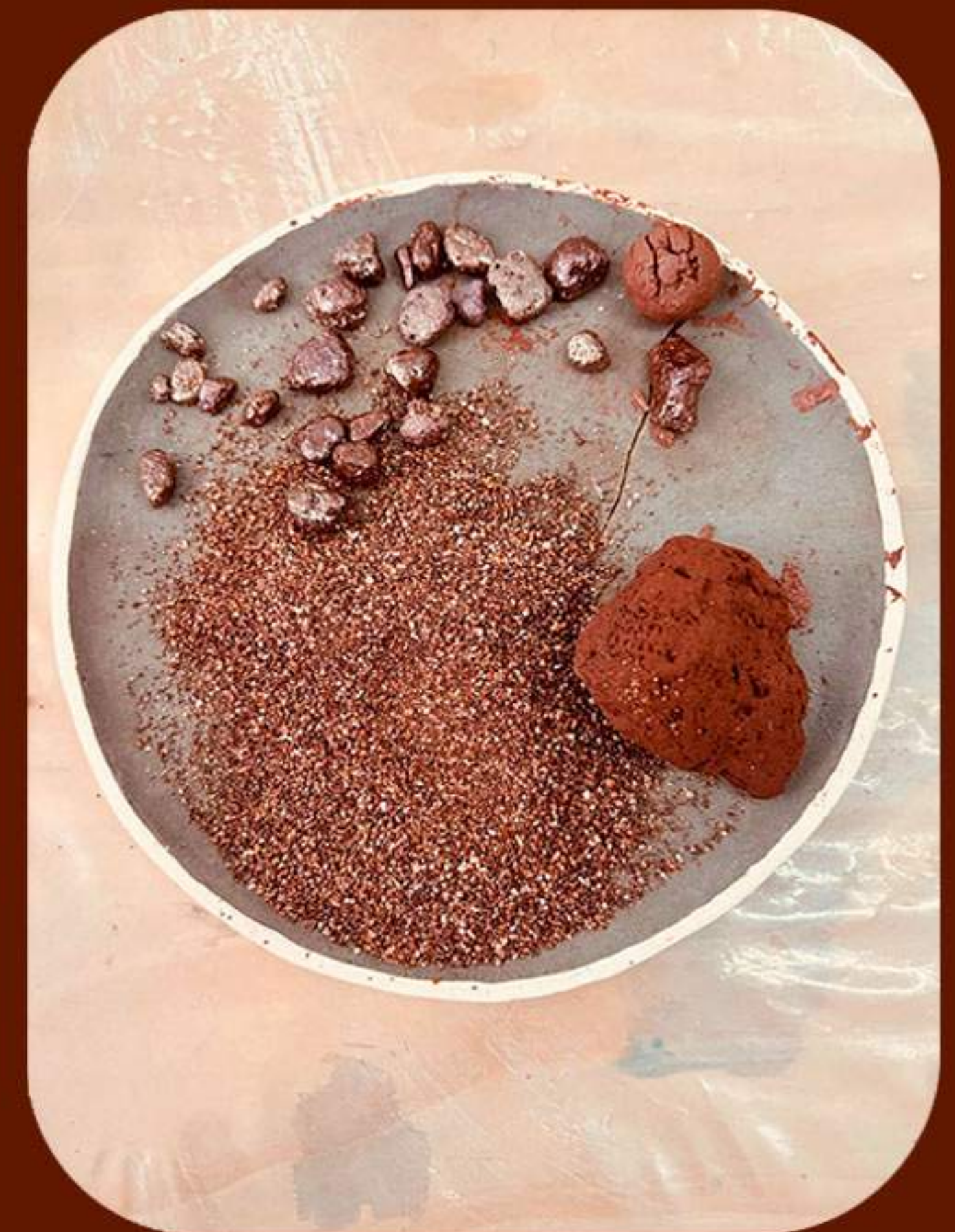
As proporções desta receita são recomendadas para argilas silvestres plásticas. Se a argila coletada tiver um alto índice de anti-plásticos, é necessário ajustá-la, reduzindo a quantidade de chamote e aumentando a de argila plástica. Por isso, a realização de testes é fundamental.



Passo 6: Construa pequenos recipientes para testar os materiais coletados e os preparados por você. Nesta imagem, vemos areia vulcânica, cinza vulcânica, engobes, argilas coletadas em diferentes pontos do lago e uma amostra de argila preparada no estúdio. É importante fazer anotações com siglas ou códigos de referência para identificar o local de coleta e relacionar os resultados após a queima.



Resultados de diversos materiais após calcinar o material no forno a 1160 graus.



Argila, pedra-pomes e areia vulcânica: resultados após calcinar o material no forno a 1160 graus.



Passo 7: Barras de testes - servem para avaliar o grau de retração do material e seu comportamento durante a queima.



Passo 8: Análises - avaliação de resultados.

Análise e mais testes:

Após realizar o teste de presença de carbonatos, você pode iniciar a limpeza da argila coletada. Se ela estiver úmida ou seca, adicione água até obter uma consistência cremosa e, em seguida, passe o material por uma peneira. Recolha a argila peneirada e espalhe-a sobre uma placa de gesso para eliminar o excesso de água, em seguida modele pequenas porções e calcine-as a 1160°C. Esse processo permitirá que você descubra a verdadeira cor da argila após a queima e analise seu comportamento no forno. Caso não ocorram incidentes durante a queima, a argila estará pronta para novas aplicações. Você também pode preparar barras utilizando apenas a argila coletada e, em seguida, outras com a argila misturada aos demais componentes da receita. Dessa forma, será possível avaliar o grau de retração do material e compreender melhor seu comportamento durante o processo. Prepare as barras nas seguintes medidas: 12cm de comprimento x 3cm de largura e trace uma linha de 10 cm dentro da barra.

A principal recomendação é coletar argila de diferentes locais, cavidades ou pontos ao longo da margem de um rio, sempre em pequenas quantidades. Anote todas as informações relevantes para evitar confusões posteriormente e realize os testes sugeridos antes de tomar decisões sobre o uso do material. Além da argila, você também pode coletar areia, cinzas e pedras, que podem ser calcinadas. Esses materiais ajudam a melhorar a estrutura da argila e podem ser utilizados para criar texturas, esmaltes e engobes.

Aplicações Artísticas:

A argila silvestre, com suas características únicas de plasticidade, textura e tonalidade, abre um vasto campo de possibilidades para a criação artística. Nesta seção, apresentamos trabalhos que exploram a materialidade e a expressividade desse recurso natural, evidenciando sua versatilidade em diferentes abordagens e técnicas. As obras aqui reunidas – de Inara Vidal e das artistas argentinas Eli Toppetti e Ro Alpina – demonstram diálogos entre tradição e experimentação, revelando como a argila, ao ser moldada, queimada e transformada, se torna suporte de narrativas visuais e poéticas. Cada peça é acompanhada por informações técnicas sobre materiais, dimensões e processos, oferecendo um panorama da riqueza e potencial desse material ancestral na arte contemporânea.

Sobre as artistas convidadas:

Eli Toppetti é uma artista da segunda geração de pesquisadoras argentinas da chamada *argila situada* — abordagem que parte da escolha de um território específico para investigar, coletar e experimentar as potencialidades do barro local. As esculturas aqui apresentadas foram produzidas com argila silvestre e recebem engobes e esmaltes elaborados artesanalmente pela própria artista. Suas cores evocam e dialogam com a paisagem ao redor, criando uma correspondência profunda entre matéria e ambiente.

Ro Alpina, por sua vez, é muralista e vem realizando uma transposição delicada e inventiva de seus universos visuais — antes aplicados principalmente em muros e superfícies urbanas — para o campo tridimensional da cerâmica. Utilizando argila silvestre, a artista recria em forma de baixo-relevo os elementos, figuras e personagens de sua linguagem gráfica, mantendo a riqueza dos traços e a força simbólica de suas narrativas visuais enraizadas na cultura local.



Seres del Bosque 3 de 5

2024

Escultura em cerâmica de alta temperatura.
Argila silvestre da Patagônia, engobe e esmalte
cerâmico com materialidades vulcânicas.

17 x 10 x 10 cm



Seres del Bosque 2 de 5

2024

Escultura em cerâmica de alta temperatura.
Argila silvestre da Patagônia, engobe e esmalte
cerâmico com materialidades vulcânicas.

15 x 10 x 10 cm



Ser Sonoro

2024

Escultura em cerâmica de alta temperatura.
Argila silvestre da Patagônia e engobe com
materialidades vulcânicas.

18 x 20 x 12 cm



Alpina 18 (série 1000 alpinas)
2025
Relevo cerâmico.
Argila silvestre (Bosque Patagônico) com esmalte silvestre.
12 x 10 cm



Alpina 29 (série 1000 alpinas)
2025
Relevo cerâmico.
Argila silvestre (Lago Nahuel Huapi).
18 x 12 cm



Alpina 4 (série 1000 alpinas)
2025
Relevo cerâmico.
Argila silvestre (Lago Nahuel Huapi).
15 x 12 cm



Sem Título

2025

Escultura sonora em cerâmica de alta temperatura - sistema acústico: percussão (desenvolvida no período da residência artística).

Argila branca, engobe coloidal de diferentes cores de argila silvestre e areia vulcânica calcinada.

9 x 4,5 x 7 cm



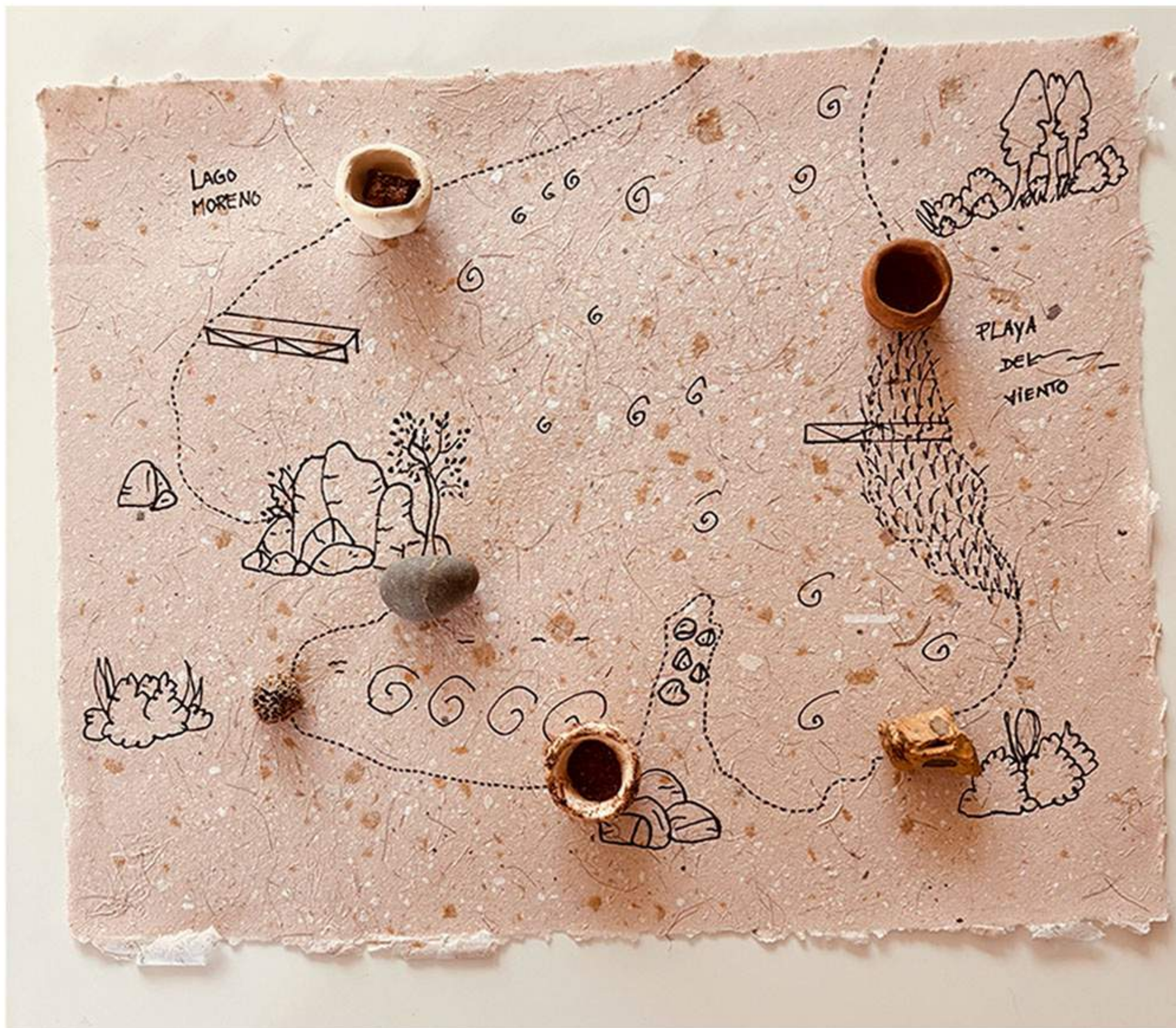
La Jaguarita

2025

Escultura sonora em cerâmica de alta temperatura - sistema acústico: dispositivo roto (aerofone) - (desenvolvida no período da residência artística).

Argila silvestre e engobe negro.

6,5 x 4,5 x 7 cm



Cartografias sensíveis: o mapa como corpo de paisagem

2025

Intervenção com objetos tridimensionais sobre desenho cartográfico.

Fragmentos minerais, pigmentos naturais e resíduos orgânicos coletados durante residência artística na Argentina, potes pequenos de cerâmica artesanal, caneta hidrográfica e papel artesanal produzido na Mata Atlântica (dez/2023).

46,5 x 37 cm

Nota da artista

O texto a seguir foi escrito a partir da experiência vivida durante uma residência artística em território argentino e das reverberações que ela provocou em minha prática. Escolhi narrá-lo em primeira pessoa por entender que este trabalho não se dissocia do corpo que o percorreu, nem do olhar que o atravessou. Trata-se de uma cartografia subjetiva, construída entre gestos, matéria e paisagem. Ao compartilhar esse percurso com o leitor, convido-o a também habitar essas derivas — não como observador distante, mas como presença atenta, corpo sensível em contato com o mundo.

Cartografias sensíveis: o mapa como corpo de paisagem.

Na arte contemporânea, os mapas já não são mais apenas instrumentos de orientação geográfica. Eles transbordam a lógica do controle e da precisão, tornando-se território poético, político, afetivo e sensível. Este trabalho nasce como desdobramento de uma prática realizada durante a residência artística *“Laboratorio de Arcillas Locales – Edición Lago”*, em março de 2025, na Argentina. Caminhei por diversos sítios em busca de argila silvestre e outras materialidades do entorno. Essas derivas me fizeram lembrar das proposições de Hélio Oiticica, especialmente no texto-release *Delirium Ambulatorium*, em que o artista convida os participantes a tomarem o bairro do Caju, no Rio de Janeiro, para “curtir os achados”.

Assim como em Oiticica, os gestos de andar e encontrar — às margens de lagos e montanhas — se transformaram em criação. Após a residência, os efeitos da experiência continuaram em ebulição e, já em território brasileiro, construí este trabalho: um mapa que não aponta direções — ele acontece. Foi concebido a partir da experiência direta com a paisagem — com esse corpo que se desloca, percebe, recolhe.

Sobre a superfície feita de papel artesanal produzido na Mata Atlântica brasileira com materiais recicláveis e fibras de bananeira, depus fragmentos colhidos durante a pesquisa de campo na Argentina: resíduos minerais, pigmentos terrosos, texturas orgânicas que resistem à nomeação. Ao justapor matéria estrangeira ao suporte local, tensiono as fronteiras geográficas e poéticas do território — e proponho um corpo-cartografia atravessado por deslocamentos. Cada ponto marcado não é uma localização exata, mas a inscrição de um encontro.

As linhas que desenhavam esse mapa não são fechadas — são percursos suspensos. Elas sugerem a permeabilidade do traço, a porosidade do território, a recusa em estabelecer limites fixos. Ao incorporar as materialidades da própria terra, o mapa rompe com a ideia de representação e se aproxima da fabulação. Ele se oferece como superfície viva, como pele da paisagem, como arquivo tátil de um território atravessado pelo tempo e pelo gesto.

Aqui, mapear não é medir o mundo — é habitá-lo.

É construir uma cartografia que se dá na fricção entre corpo e chão, entre arte e geologia, entre o que se vê e o que se sente. Um mapa que desorganiza, que desloca, que convida o olhar a se aproximar com atenção — e, quem sabe, com presença: esse modo de estar que é também sentir, escutar, respirar com o lugar. Neste gesto cartográfico, a paisagem se torna matéria de pensamento. E o mapa, um artefato poético que não encerra o território — mas o deixa atravessar.

- Inara Vidal

¹“abordar o bairro do CAJU como um playground bairro-urbano para curtir os achados: achar-play: esse achar-abordar-penetrar é sem fim: não só é ele performado in progress como por etapas de acordo com participantes/propositores/proposições feitas/ abordagens feitas/ abordagens sugeridas/ programas limitados e-ou abertos propostos ideias formuladas/etc.,”: O CAJU É O GROUND: A PARTICIPAÇÃO DOS PARTICIPADORES FAZ O PLAY”. Excerto de texto-release de Hélio Oiticica acerca de sua participação em *Mitos vadios*, de Ivald Granato. 1978.

Usos Ambientais da Argila

Além do seu potencial artístico, a argila silvestre tem aplicações sustentáveis que podem contribuir para a preservação ambiental:

- **Controle de erosão:** A argila pode ser utilizada na estabilização de encostas e na proteção de solos frágeis.
- **Filtragem de água:** Algumas argilas têm propriedades naturais que ajudam a remover impurezas da água. Técnicas ancestrais utilizam cerâmica porosa para criar filtros ecológicos.
- **Construção sustentável:** Técnicas como o adobe e a bioconstrução fazem uso da argila para criar moradias com menor impacto ambiental.

Equilibrando Arte e Preservação

A prática artística pode e deve dialogar com a sustentabilidade. O uso da argila silvestre nos convida a refletir sobre nosso impacto no meio ambiente e a buscar um equilíbrio entre expressão criativa e respeito à natureza. Ao adotar práticas responsáveis, garantimos que futuras gerações também possam explorar e se beneficiar desse material essencial para a arte e para a vida.

GLOSSÁRIO:

Argila plástica: É uma argila macia e fácil de modelar com as mãos. Tem boa elasticidade, o que significa que pode ser moldada em diferentes formas sem rachar. Esse tipo de argila é ideal para esculturas e peças feitas à mão ou no torno.

Argila antiplástica: É uma argila dura e pouco maleável, difícil de moldar sozinha. Ela racha com facilidade quando tentamos modelar. Geralmente é usada misturada com outros tipos de argila mais plástica para dar mais resistência e evitar deformações ou encolhimento excessivo na secagem e queima.

Calcinar o material no forno: É o ato de aquecer a argila ou outros materiais no forno para que percam a água, queimem as impurezas e fiquem prontos para serem usados na cerâmica. É uma etapa importante para deixar a argila mais limpa e estável antes de usá-la na modelagem ou nas misturas.

Carbonatos: São sais naturais que podem estar presentes na argila, como o carbonato de cálcio (encontrado em pedras calcárias ou restos de conchas). Quando a peça é colocada no forno, esses sais se transformam com o calor, liberando gases. Esse processo pode causar rachaduras, quebras ou até explosões na peça, especialmente se os carbonatos estiverem em pedaços grandes ou mal misturados à argila.

Engobe coloidal: É uma mistura líquida feita com argila bem fina e água, que se aplica sobre a peça antes da queima. Serve para dar cor, cobrir imperfeições ou preparar a superfície para receber esmalte. O termo "coloidal" só quer dizer que essa mistura é bem estável e fácil de espalhar.

Taludes e cortes naturais: São inclinações do terreno formadas naturalmente ou por intervenção humana. Um talude natural é uma encosta formada pela própria ação da natureza, como em morros ou margens de rios. Já o corte natural é o resultado da erosão ou desgaste do solo ao longo do tempo, criando uma superfície inclinada, como um barranco — termo mais coloquial para esse tipo de formação.

REFERÊNCIAS:

LEVY, Matt; SHIBATA, Takuro; SHIBATA, Hitomi. Wild clay: creating ceramics and glazes from natural and found resources. Londres: Herbert Press, 2022.

MATHIEU, Paul. The art of the future: 14 essays on ceramics. Montreal: Presses del'Université du Québec, 2019.

DE WAAL, Edmund. The white road: journey into an obsession. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2015.

HARRISON, Robert. Sustainable ceramics: a practical guide. London: Bloomsbury Publishing, 2013.

SANTOS, Jorge Willian de Souza; BATISTA, Antônio Marcos Azevedo; SILVA, Pedro Luan Ferreira da; SILVA, João Vitor da; MARCIANO, Luany Emanuella Araújo. Mineralogia da fração argila na conservação da matéria orgânica e nos atributos físicos do solo. Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 3, 2024. Disponível em: <https://revista.univar.edu.br/rei/article/view/633>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MARTINS, Maria Julia Avelino Silva; FERNANDES, Fabricia Dias da Cunha de Moraes. A argila como resquício histórico e ancestralidade na arte e arquitetura vernacular brasileira. In: Anais do 6º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil: Patrimônio e Direitos Humanos, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/6-simposio-cientifico-do-icomos-brasil-patrimonio-e-direitos-humanos-396946/766350-a-argila-como-resquicio-historico-e-ancestralidade-na-arte-e-arquitetura-vernacular-brasileira/>. Acesso em: 1 mar. 2025.

PIOLI, Bruna Cuccurullo. Comportamento de argilas rijas a duras da Formação Resende: caracterização geotécnica e mineralógica. 2023. Dissertação (Mestrado em Geotecnia)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/44/44138/tde-04082023-121339/publico/Bruna_Cuccurullo_Pioli.pdf. Acesso em: 1 mar. 2025.

SILVA, Sandra Santos. Recursos naturais renováveis: sementes, pigmentos e argila na prática pedagógica em arte-educação. 2013. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Tarauacá, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8991/1/2013_SandraSantosSilva.pdf. Acesso em: 1 mar. 2025.



Sobre a autora

Inara Vidal — natural de Cidade Gaúcha (PR), é artista multidisciplinar interessada em micro-políticas. Formada em Escultura pela EMBAP, com especialização em História da Arte, investiga os atravessamentos entre som, corpo e matéria. Suas esculturas sonoras, moldadas em cerâmica, nascem do gesto e da escuta. Atualmente, dedica-se a uma pesquisa sensível com argila silvestre, em diálogo com o território e os conhecimentos da terra. Vive e trabalha em Curitiba.

Instagram: [@inaravp](https://www.instagram.com/inaravp)

Site: inaravidal.com.br

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Filmagem e Edição

Tomas Carlovich

Fotografias

Eliana Toppetti

Inara Vidal

Leo Lizardo

Tomas Carlovich

AGRADECIMENTOS

Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, Museu Casa Alfredo Andersen, Casita Azul, Ariadne Borgo, Gabriela Mosto, Luiz Gustavo Vardânega Vidal Pinto e Milla Jung.



Produção



Apoio



Realização



“PROJETO VIABILIZADO PELO EDITAL DE MOBILIDADE CULTURAL - 1.ª EDIÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ”.

